

TABULEIRO DE LETRAS

RESENHA

ALMADA, Selva. **O vento que arrasa**. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 128 p.

Valdemar Valente Junior¹

No espaço de uma oficina mecânica perdida no campo, o Gringo Brauer e Tapioca, seu auxiliar, reparam o carro do Reverendo Pearson, que, ao lado de sua filha Leni, prossegue viagem em missão evangelizadora. Entre carcaças de carrocerias, pneus empilhados, chassis abandonados e metais retorcidos, o pregador e sua filha esperam pelo término do serviço, prontos para percorrer as províncias do norte da Argentina, quando o pai mostra à filha a desolação que se abatera sobre a cidade de Paraná, na província de Entre Ríos, onde nascera, filho de um aventureiro norte-americano que o abandonara levando os poucos bens acumulados pelos sogros. Assim, o Reverendo Pearson volta ao ponto de partida, visitando as duas piscinas do parque abandonado, local onde vivera e fora feliz. Leni, no entanto, recém-saída da infância, ao contrário de seu pai, não tem para onde retroceder, não lhe sendo possível rebobinar o carretel da memória, uma vez que só lhe resta segui-lo em sua peregrinação por cidades do interior, no mesmo carro, de hotel em hotel, despedindo-se de pessoas, sem ao menos ter tempo de vir a sentir saudades. Por isso, ao constatar o ar de tristeza nos olhos do pregador, a quem tocara fundo a degradação do que lhe é caro à memória, propõe incontinenti irem embora do local.

O recorte de uma tarde e uma manhã, em *O vento que arrasa*, de Selva Almada, denuncia a existência de uma escritora com absoluto domínio sobre a matéria ficcional de que se serve, denotando o grau de singularidade, por vezes surpreendente, que toma de assalto o leitor incauto. O tempo do romance, ainda que de certo modo restrito, é suficiente para que se

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Atua como docente na Universidade Castelo Branco e na Faculdade Paraíso – RJ. E-mail: valdemarvalente@gmail.com.

efetive a plenitude de uma técnica de sentido realista de que a autora lança mão, sem que lhe escape qualquer possibilidade de o texto fugir à direção que o acompanha até o seu final. Deparamo-nos com uma narrativa que atinge sua maturidade sem a hipótese de lhe ser acrescida a opção facilitária do que, em muitas ocasiões, induz os autores de ficção a trilharem a senda do que lhes resulta de maior interesse, tendo em vista a tentação que os leva à opção pela mera consagração de mercado. Ao que tudo indica, Selva Almada não faz esse tipo de concessão, haja vista o comentário de ninguém menos que Beatriz Sarlo sobre *O vento que arrasa* como obra surpreendente, tratando-se, portanto, de algo cuja feição difere do que, por vezes, parece grassar no terreno da narrativa contemporânea, o que o habilita à condição de texto sobre o qual não pesa qualquer tipo de restrição.

A narrativa argentina contemporânea insere-se como elemento de extremo valor no contexto da produção literária hispano-americana, por sua capacidade de trazer ao âmbito do debate as vicissitudes de um país às voltas com sua reintegração ao plano de uma dignidade aviltada pelos horrores da ditadura. Assim, mesmo já transcorridas algumas décadas de seu fim, suas feridas custam a cicatrizar. *O vento que arrasa* busca reiterar situações de estranheza inerentes ao descompasso de um mundo que se apresenta em seu aspecto desigual, quando as relações familiares se esgarçam e se reduzem, tendo em vista o conflito de gerações e a disparidade de caminhos que cada indivíduo procura seguir. Por isso, pai e filha, mesmo presos a um relacionamento estreito, são a imagem explícita do distanciamento que os afeta, espécie de abismo entre gerações em um país cuja juventude apresenta-se como refém de antigas situações para as quais não parece ter havido qualquer sinal de resolução. Os princípios da fé, contidos na peregrinação do pregador evangélico, se constituem em fundamento capaz de se manter como fio de esperança diante do que se apresenta como ápice de um mundo desolado.

Diante de seu grau de elevada técnica, a narrativa prossegue em meio às ferramentas e aos objetos enferrujados, quando o Reverendo Pearson recebe das mãos de Tapioca um copo d'água enebado, situação com a qual está acostumado a lidar, na condição de pregador que busca limpar os espíritos. Por isso, quando sobe ao púlpito, a força de Deus apodera-se de seu corpo na missão de expurgar o demônio que toma o espírito das pessoas enfraquecidas. Daí o pregador abençoar os alimentos à mesa, ao lado de Brauer e Tapioca, indicando-lhes o Reino dos Céus ao acesso de todos os que se arrependem, incluindo-se nisso o Pastor Zack, que tivera uma vida dissoluta, mas convertera-se de seus pecados ao trabalho de salvar os espíritos do fogo do inferno. E movido pela fé, o Reverendo Pearson teve seu carro rebocado por uma

caminhonete até a oficina onde Brauer e Tapioca procedem seu conserto. Nesse local, Leni e Tapioca têm seus caminhos cruzados pelo mesmo destino: ambos filhos apartados de suas mães, de cujas lembranças resta apenas a sombra deixada como imagem no leito da estrada, tal qual os cachorros que correm atrás dos carros quando são abandonados por seus donos. Ao mecânico Brauer e ao Reverendo Pearson cabe criar os filhos como se pudessem, ao mesmo tempo, desempenhar um duplo papel.

As palavras do Reverendo infundem temor a Tapioca, que busca fugir ao magnetismo que estas lhe parecem impor. O princípio da evangelização assume seu significado mais pleno nas palavras que ganham a dimensão de profecia aos ouvidos do garoto. No entanto, ao pregador fica a impressão de que chegara muito tarde ao local, visto que a presença do mal se faz representar com muita força, sendo que Tapioca pode ser tocado pelo início de um processo de limpeza, o que justifica sua permanência nesse local. Por isso reforça o ânimo da missão que busca cumprir quando volta no tempo e se recorda do batismo no Rio Paraná, onde sua mãe o levava ao encontro de um pregador de quem ouvira falar através do rádio. No entanto, o que poderia ter representado uma atitude sem maiores consequências acaba por determinar o destino do Reverendo Pearson pelo resto de sua vida como acontecimento creditado à força do inesperado. E nesse caminho que segue, dedica-se aos abandonados pela sorte, no ermo das estradas, aos que se arrependem e se penitenciam diante de Deus, aos alcoólatras recuperados que passam a dedicar suas vidas à salvação de tantos outros que se desviam do rumo a seguir. A cidade grande e todos os bens que nela são oferecidos ao consumo absolutamente não o seduzem.

No entanto, a autoridade do Reverendo Pearson sobre Leni a faz ouvir outros tipos de música às escondidas, já que somente lhe é permitido ouvir música religiosa no aparelho portátil que o pai relutara em querer comprar. A distância entre gerações que separa o pai da filha é atenuada pelo poder de persuasão que os sermões do Reverendo Pearson têm sobre Leni. Mas esses assuntos não podem de modo algum interessar a Tapioca, a quem Brauer ensinara a observar apenas a natureza como medida de todas as coisas. Desse modo, sob o efeito de alguns copos de cerveja, que aceitara do mecânico, o pregador caminha pela estrada, recordando o tempo em que fora tomado pela missão que o acompanharia para sempre. De modo oposto, sua filha, ao recostar-se ao assento de um dos carros velhos da oficina, sonha em deixar tudo que a aprisiona ao presente, a exemplo do pai, da igreja e dos hotéis, seguindo a direção infinda de uma estrada que a leve sempre em frente. Tapioca, por sua vez, sentado ao lado dela, imagina como será o céu que lhe prometera o Reverendo Pearson, certificando-

se de lá poder chegar apenas depois da morte. No entanto, antes disso, pretende ir a Rosario, ao encontro da mãe que o deixara, não sabendo como procurá-la em meio a uma cidade tão grande.

O impasse que se estabelece no plano da narrativa diz respeito à ideia de um mundo que inevitavelmente se conflita com seu entorno, na medida em que o princípio único dos mistérios de Deus induz o Reverendo Pearson a assumir uma posição de autoridade com relação aos demais. A convivência comum, imposta pela parada na oficina à beira da estrada, constitui-se no clima de tensão que se anuncia nos instantes em que os interesses individuais passam a discrepar. No entanto, o conserto do carro e o temporal inesperado reúnem sob o caramanchão as personagens do romance, incluindo-se todos os cachorros da oficina, no que pode representar o clímax da narrativa, instante da mais absoluta força expressiva que se caracteriza em *O vento que arrasa*. Ao momento que sucede a tensão que nomeia o romance, concorre um tempo extremamente significativo, quando Brauer e o Reverendo Pearson contam um ao outro a trajetória de suas vidas, dando conta dos acidentes que levaram cada qual a chegar até onde se encontram. No mesmo lapso de tempo, Tapioca e Leni divertem-se com as fotos nas quais aparece Brauer ainda criança, enquanto o pregador sugere ao mecânico que o garoto siga com ele.

Baseada em elementos narrativos que induzem a uma espécie de realismo social, que se faz impor após uma longa trajetória percorrida pelo realismo fantástico, a literatura hispano-americana, a exemplo do que se produz hodiernamente na Argentina, ainda se ressentido do período de autoritarismo, recorrendo à escrita literária como espécie de acerto de contas que visa passar a limpo esse transe e trazer à luz os efeitos da crise que iminentemente se apresenta. Do mesmo modo, as relações que se estabelecem em *O vento que arrasa* metaforizam a ordem de um país combalido por sucessivas políticas econômicas que resultaram em malogro, se forem também levados em conta os efeitos da ditadura militar. O encontro das personagens reunidas em torno de uma velha oficina mecânica situa no plano microcósmico a dimensão ampliada de um universo de desesperança, em meio a objetos em desuso e ferros retorcidos, de cuja expectativa restam apenas acenos remotos. A presença, nesse meio, de um pregador evangélico responde à derrocada dos desejos, agora submetidos somente às promessas de Deus.

Mais uma vez a tensão narrativa chega ao limite, quando o pregador e o mecânico discutem sobre a conversão do garoto e entram em luta corporal. No entanto, a vontade de Tapioca se sobrepõe à de Brauer, na medida em que este acaba por entender que havia

chegado a hora de o garoto passar à condição de adulto, impondo seu destino e seu desejo. A vida prossegue e o carro reparado percorre o asfalto ainda molhado pelo temporal da madrugada. O Reverendo Pearson, Leni e Tapioca saem de um ciclo de tempo e espaço onde permanecem Brauer e os cachorros que alimenta e dá carinho. Assim, *O vento que arrasa* chega ao limite das coisas, dando ênfase à condição humana como matéria básica de um processo de construção narrativa que se coloca em patamar bem mais acima das convicções sociais e ideológicas. O Reverendo Pearson e Brauer configuram-se como personagens plenas, não obstante a enorme distância que os separa. Por isso, o aspecto linear do romance e a forma sequencial como os acontecimentos são descritos, a partir de um narrador onisciente, concorrem para que se obtenha o máximo de aproveitamento do que se apresenta como matéria banal, de teor tradicional, mas que se potencializa e se converte em obra de ficção de extrema força criativa.

Recebido em: 22 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 30 de abril de 2016.